



Violência no namoro: relação com o autocontrolo e ajustamento em estudantes universitárias

Catarina Pacheco

UMinho | 2021



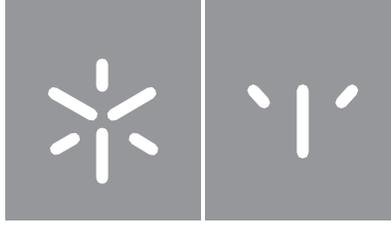
Universidade do Minho

Escola de Psicologia

Catarina Raquel Meireles Pacheco

Violência no namoro: relação com o autocontrolo e ajustamento em estudantes universitárias

outubro de 2021



Universidade do Minho

Escola de Psicologia

Catarina Raquel Meireles Pacheco

Violência no namoro: relação com o autocontrolo e ajustamento em estudantes universitárias

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Psicologia Aplicada

Trabalho efetuado sob a orientação de

Professor Doutor Pedro Pechorro

E coorientação de

Professor Doutor Rui Abrunhosa

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações

CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0>

Agradecimentos

Começo por agradecer ao Professor Doutor Pedro Pechorro e ao Professor Doutor Rui Abrunhosa pela disponibilidade e apoio durante o desenvolvimento da dissertação.

Quero agradecer às minhas colegas da equipa de investigação por todo o apoio ao longo destes meses.

Quero, também, agradecer a todos os participantes do meu estudo, uma vez que sem a sua participação o estudo não seria possível de se realizar.

Aos meus pais e irmão por acreditarem em mim, por me apoiarem ao longo de todos estes anos, por aceitarem os meus objetivos e por lutarem comigo para que eles sejam possíveis.

Por último, mas não menos importante, agradecer aos meus amigos por estarem sempre presentes e prontos a ajudar e a incentivar-me quando mais precisei.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho, 18/10/2021

Catarina Raquel Meireles Pacheco

(Catarina Raquel Meireles Pacheco)

Resumo

A violência no namoro é um fenómeno cada vez mais estudado, de modo a encontrar-se características que justifiquem o surgimento dos comportamentos agressivos. Nesse sentido surge o presente estudo com o objetivo de analisar a violência no namoro, no contexto de estudantes universitárias, avaliando a relação entre o autocontrolo e o ajustamento no surgimento dos comportamentos violentos. A amostra desta investigação é constituída por 140 mulheres, com idade média de 20.91 anos ($DP = 2.31$, amplitude 18-28), provenientes da Universidade do Minho. A maioria dos resultados obtidos neste estudo corroboram com a literatura, tais como, o tipo de violência no namoro mais frequentemente praticado é a violência emocional/verbal; indivíduos que praticam comportamentos abusivos apresentam níveis mais baixos de autocontrolo; indivíduos que praticam mais comportamentos abusivos apresentam sintomatologia de ansiedade e depressão. Por sua vez, contrariamente ao esperado pela literatura, verificou-se que indivíduos que praticam comportamento abusivos apresentam uma autoestima mais baixa. Assim, o presente estudo permitiu aumentar o foco nesta área e o seu conhecimento sobre a mesma, podendo, desta forma, contribuir para a prevenção e intervenção neste fenómeno.

Palavras-chave: Ajustamento; Autocontrolo; Estudantes universitárias; Violência no namoro.

Abstract

Dating violence is a phenomenon increasingly studied in order to find characteristics that justify the emergence of aggressive behaviors. In this sense, the present study aims to analyze dating violence among female college students, assessing the relationship between self-control and adjustment in the emergence of violent behaviors. The sample of this research consists of 140 women, with a mean age of 20.91 years ($SD = 2.31$, range 18-28), from the University of Minho. Most of the results obtained in this study corroborate the literature, such as: the most frequent type of dating violence is emotional/verbal violence; individuals who practice abusive behaviors show lower levels of self-control; individuals who practice more abusive behaviors show symptoms of anxiety and depression. In turn, contrary to what was expected by the literature, it was found that individuals who practice abusive behaviors have lower self-esteem. Thus, this study allowed increasing the focus on this area and its knowledge, thus being able to contribute to the prevention and intervention in this phenomenon.

Keywords: Adjustment; Self-control; College students; Dating violence.

Índice

Violência no namoro: Relação com o Autocontrolo e Ajustamento em estudantes universitárias	8
Violência.....	8
Violência no namoro	8
Estudantes Universitários.....	11
Autocontrolo	12
Autoestima	13
Depressão	14
Ansiedade	14
Método.....	15
Participantes	15
Instrumentos	16
Procedimento de recolha de dados	19
Procedimento de tratamento de dados.....	20
Resultados	20
Discussão.....	23
Referências	27
Anexo: Parecer da Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humana.....	31

Índice de tabelas

Tabela 1-Características sociodemográficas das participantes.....	16
Tabela 2-Descritivas do tipo de violência mais praticado pelas participantes.....	21
Tabela 3-Comparação de grupos de nível de autocontrolo relativamente a comportamentos abusivos....	21
Tabela 4-Comparação de grupos de prática de comportamentos abusivos relativamente a baixa autoestima.....	22
Tabela 5-Comparação de grupos de prática de comportamentos abusivos relativamente a ansiedade....	22
Tabela 6-Comparação de grupos de prática de comportamentos abusivos relativamente a depressão....	22

Violência no namoro: Relação com o Autocontrolo e Ajustamento em estudantes universitárias

A violência no namoro é mencionada na literatura como *dating violence* e/ou *courtship violence* (Matos et al., 2006). Nos últimos anos tem atraído mais atenção por se assumir um problema de saúde pública, pelo seu aumento e por afetar os participantes da relação, os seus familiares e as suas comunidades (Guerreiro et al., 2016). A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2011) definiu a violência no namoro como comportamentos violentos com o objetivo de controlar, dominar e exercer poder sobre o parceiro da relação, iniciando-se aquando das primeiras experiências amorosas. Tendo em consideração a relevância deste tema e a necessidade de melhor compreender o fenómeno surge o presente estudo. Este foca-se na violência no namoro e na sua relação com o autocontrolo e ajustamento em estudantes universitárias, sendo que o ajustamento engloba as variáveis depressão, ansiedade e autoestima.

Violência

Violência é um fenómeno social que se estima estar presente desde sempre, apesar de só começar a ser alvo de estudo no séc. XIX, despertando preocupação de várias áreas como a história, a economia, o direito e a psicologia (Hayeck, 2009). Violência é caracterizada pela Organização Mundial de Saúde como um comportamento intencional, de uso de poder ou força, que pode resultar em danos psicológicos, lesões, privações ou morte contra si ou contra outros. A violência divide-se em três tipos: autoinfligida (como comportamento suicida); interpessoal (contra familiares, parceiros íntimos ou na comunidade) e coletiva (social, política e económica) (Dahlberg & Krug, 2006).

Violência no namoro

Uma relação amorosa é um período caracterizado por uma partilha conjunta de experiências que, quando saudável, pressupõe a existência de fatores determinantes, como crenças, valores e interesses comuns entre o casal. No entanto, há certos fatores que parecem incitar uma situação de violência, como a infidelidade, a dependência do outro, a necessidade de dominar ou impor algo ao parceiro e a possessividade (de Ataíde, 2015). Neste sentido, em 2013, integrado no crime de violência doméstica, surge o crime de violência no namoro, passando a ser punível e considerado um crime público (Lei nº19/2013, de 21 de fevereiro), dando consequências judiciais para o agressor. A violência no namoro é exercida num contexto de relação íntima, normalmente em locais privados e sem a presença de terceiros, podendo ser exercida independentemente do nível socioeconómico, da religião ou da cultura dos membros da relação (Duval et al., 2020; Santos, 2016). Este fenómeno pode manifestar-se em comportamentos isolados ou conjuntos de violência psicológica e/ou emocional/verbal (manifestando-

se em condutas como chantagem, ameaças ou insultos); física (como bofetadas e empurrões) e sexual (como forçar a manter atos sexuais contra a vontade) (Beserra et al., 2016). Mais recentemente foi acrescentada uma nova forma de violência, o *stalking*, caracterizada por comportamentos de assédio e perseguição (Nelas et al., 2016). Com o aumento da utilização da tecnologia surgiu, ainda, uma nova forma de violência, a ciberviolência, caracterizada por comportamentos como intimidação, assédio e controlo por intermédio de tecnologia como redes sociais e SMS (Celis & Rojas, 2015). O tipo de violência mais praticado nas relações de namoro é a violência psicológica e/ou emocional/verbal, no entanto, é de difícil consciencialização por ser assumida como algo natural, mais aceite como um fenómeno normativo, sendo que os primeiros abusos sofridos podem ser confundidos com preocupação, ciúme ou amor, uma vez que não é tão visível como, por exemplo a violência física, tornando a sua percepção e sensibilização mais demorada (de Queiroz & Cunha, 2018; Silva, 2017).

A violência no namoro nem sempre foi objeto de estudo, tendo sido em 1981, por Makepeace, que apareceu o primeiro estudo sobre o tema. Esta primeira investigação revelou que um em cada cinco estudantes universitários já tinha experienciado pelo menos um episódio de violência numa relação amorosa (Caridade & Machado, 2013). Apesar da atenção tardia, o fenómeno parece ter evoluído desde a pré-história, sendo perpetrado, outrora, para atingir objetivos de sobrevivência e reprodução (Chester & DeWall, 2018). Certos fatores de risco podem incitar a violência no namoro, nomeadamente, as características das vítimas (como idade e comportamentos), características dos agressores (como idade, género, atitudes e traços de personalidade) e características situacionais (como consumo de álcool e/ou substâncias) (Caridade & Machado, 2008).

Ao longo do tempo, foram surgindo teorias explicativas para o fenómeno, como a intraindividual e a inter-geracional. A teoria intraindividual foca-se nas experiências de violência precoces dos indivíduos (como a exposição a violência na infância), aliada a fatores situacionais (como o consumo de álcool), defendendo que a violência no namoro é consequência das atitudes individuais e da dificuldade em resolver conflitos relacionais. Por sua vez, a teoria inter-geracional defende que o comportamento é determinado pelo ambiente (uma criança que seja exposta a violência interparental tem maior probabilidade de vir a reproduzir esse comportamento) (Caridade & Machado, 2013). A exposição a violência na família de origem pode ter consequências como dificuldade em construir vínculos afetivos seguros na vida adulta, défice na capacidade de tomada de consciência, de compreender, aceitar e lidar emoções negativas, como o ciúme e a raiva, e na inibição de comportamentos impulsivos, fazendo uso de estratégias de comunicação destrutivas em episódios de conflito com o parceiro (Murta et al., 2016). Quando os progenitores sofrem de violência podem não ter capacidade de conseguir estar totalmente

disponíveis para a criança, expressando hostilidade ou irritabilidade como consequência dos abusos, tornando-se menos consistentes na educação podendo resultar em problemas nas crianças expostas, como transtorno desafiador de oposição e problemas generalizados no desenvolvimento (Hines & Douglas, 2016).

Com o passar dos anos, a literatura tem vindo a reconhecer que sofrer violência não é um fenómeno exclusivamente feminino, podendo o sexo masculino também ser vítima e o sexo feminino assumir-se como agressor, podendo qualquer um dos intervenientes da relação ser perpetrador de comportamentos violentos, verificando-se até, em alguns casos, agressão mútua (Randle & Graham, 2011). Apesar deste reconhecimento, a maioria das investigações refere que o sexo feminino é o que se apresenta mais vezes como vítima de violência no namoro e o sexo masculino como agressor. Tais conclusões podem advir do facto das amostras mistas serem frequentemente mais compostas por participantes do sexo feminino, ou pela dificuldade que o sexo masculino tem em admitir que é vítima de violência numa relação amorosa, sendo menos propensos a denunciar (Machado & Matos, 2014). Esta complexidade de denúncia pode ser originada pela necessidade de manutenção do ideal de masculinidade ou pelo estigma da denúncia, visto que se verifica que a sociedade desculpabiliza mais facilmente a violência quando esta é cometida por mulheres, ignorando as atitudes da agressora considerando-as inconsequentes por assumir que o perigo, os ferimentos e o terror a que as vítimas do sexo masculino estão sujeitas são menores ao que as vítimas do sexo feminino experienciam, sendo estes os fatores mais diferenciadores entre as vítimas dos diferentes sexos (Alfredsson et al., 2016; Courtain & Glowacz, 2018). Quando a agressão parte do sexo feminino, a estratégia mais regularmente utilizada é a manipulação verbal, podendo ser percebida como um comportamento socialmente aceitável não conferindo título de crime ao ato nem de agressora à mulher coerciva (Carvalho & Nobre, 2016). Em comparação com o homem agressor, que é mais associado a um indivíduo agressivo e dominador, a mulher agressora é mais associada a personalidade com características de manipulação, controlo e hostilidade, utilizando estratégias mais indiretas de violência, como a exclusão social (Barroso et al., 2020; Lagartixa, 2017).

Nas relações amorosas homossexuais a violência no namoro é semelhante à que ocorre em relações amorosas heterossexuais, sendo a violência psicológica o tipo de violência mais praticado. O aparecimento de violência nestas relações é muitas vezes justificado pela procura do agressor em compensar a frustração da homofobia internalizada, caracterizada pela não aceitação da sua própria orientação sexual, afetando a autoestima e aumentando o sentimento de inadequação. Este fenómeno também pode servir de justificação, por parte das vítimas, acreditando que estas merecem sofrer pela

orientação sexual que têm. A permanência na relação pode estar associada ao medo do duplo estigma: o de ser vítima de uma relação de intimidade e o de assumir uma relação homossexual (Elisio et al., 2018).

Cada vítima pode ter diversas reações aos comportamentos abusivos, como conversar com o parceiro, chorar, abandonar o local, defender-se ou pedir ajuda. Quando a vítima decide abandonar a relação, a maioria recorre à família, depois a técnicos, a amigos e apenas uma pequena parte recorre à polícia. Cada vítima apresenta diferentes estratégias de coping para lidar com a vitimização, algumas optam por estratégias do tipo ativo (como tomar medidas para melhorar a situação); de auto distração (como realizar outras atividades para se abstrair); de planeamento (como pensar em formas de lidar com a situação); de suporte social emocional (procurando apoio em alguém); de auto culpabilização; de reinterpretação positiva (procurando algo positivo nos atos abusivos); aceitação; desinvestimento comportamental; religião; negação e uso de substâncias (Santos, 2016). A exposição à violência pode trazer-lhe consequências, maioritariamente, ao nível das emoções e comportamentos, como terem dificuldade em adormecer, sentirem-se tristes, irritadas, sozinhas, terem sentimentos de desvalorização, de impotência e diminuição da confiança (de Ataíde, 2015). As vítimas também podem apresentar sintomatologia como ansiedade, depressão e ideação suicida (Elisio et al., 2018). Apesar das consequências, algumas vítimas aceitam a violência e permanecem na relação, acabando por não denunciar os seus agressores, muitas vezes devido às crenças românticas, que normalizam comportamentos (como o controlo, o ciúme e o sofrimento como partes integrantes do amor); pela esperança que o parceiro mude ou pelo medo de denunciar, receando que as informações prestadas não sejam confidenciais exacerbando a reação do agressor e o estigma social a que são sujeitas (de Ataíde, 2015).

Estudantes Universitários

Os estudantes universitários são uma população vulnerável em relação à violência no namoro, devido à influência do ambiente social onde estão inseridos. Esta vulnerabilidade advém do enorme contacto que têm entre a população, tendo em conta que vivem, estudam e socializam com os seus colegas, podendo adotar os comportamentos positivos ou negativos dos colegas, dentro deles comportamentos violentos na relação amorosa (Duval et al., 2020). A presença de violência no namoro em estudantes universitários portugueses está documentada em alguns estudos, como o realizado por Gama et al. (2017), que integrou uma amostra de 371 estudantes da Escola Superior de Educação de Lisboa, revelando diferenças entre os cursos dos estudantes, relativamente à violência sofrida, sendo os estudantes da licenciatura em Animação Sociocultural os que sofreram mais violência. O estudo também

revela diferenças no ano de curso do estudante, sendo o primeiro ano aquele em que os estudantes são mais agressores, mas também mais vítimas.

De modo a combater os episódios da violência no namoro foram criados alguns programas de prevenção, pensados para as populações mais jovens de modo a que a intervenção fosse precoce. Estes programas têm como propósito fomentar a capacidade de regulação de emoções (como o ciúme e a raiva) e as capacidades de resolução de conflitos interpessoais. Também se torna prioritário que os programas incluam desenvolvimento de pensamento crítico sobre crenças estereotipadas sobre o género masculino e o seu papel ainda dominante (Murta et al., 2016). É importante consciencializar os jovens sobre os abusos, os seus tipos, como identificar os sinais iniciais de violência, discutir sobre o que é o amor e o que é dominação e o que pressupõe que esteja presente num relacionamento saudável, de modo a pudermos combater, o quanto antes, a violência no namoro (Gómez-Gamero et al., 2019).

Algumas características dos agressores parecem incitar situações agressivas em relações de namoro (Caridade & Machado, 2008). Tendo isto em consideração, em seguida são apresentadas as variáveis autocontrolo, autoestima, depressão e ansiedade com o intuito de melhor as compreender e entender a sua relevância no surgimento de comportamentos agressivos.

Autocontrolo

Os atos agressivos são uma combinação de alta impulsividade, alta instigação e baixa inibição. A impulsividade amplia a probabilidade de um ato agressivo acontecer (como traços de personalidade agressivos); a instigação incita o desejo de ser agressivo (como insultos) e a inibição são os fatores que diminuem a probabilidade do ato agressivo acontecer (como a presença de um polícia). O que permite controlar os impulsos agressivos, mesmo na presença de situações que os incitam, é o autocontrolo (Chester & DeWall, 2018).

A definição de autocontrolo não é consistente, por exemplo, nas abordagens das diferenças individuais, assumem-no como uma característica pessoal relativamente estável (Nęcka et al., 2019). No entanto, quando abordamos o tema há três autores relevantes, BF. Skinner, W. Mischel e H. Rachlin. Para Skinner, o autocontrolo é a capacidade do indivíduo de controlar o comportamento considerando que a resposta pode provocar conflitos. Para Rachlin, o autocontrolo advém da preferência por uma alternativa, influenciada por fatores ambientais. Para W. Mischel, o autocontrolo é explicado pela gratificação, não realizar um comportamento pela consequência maior que terá a seguir (Hanna & Todorov, 2002). Nesta teoria, os indivíduos diferem no tempo que esperam pela recompensa maior, dependendo das capacidades de autorregulação para controlar os impulsos (Gagne, 2017). Gagne (2017) focou-se no estudo do autocontrolo em crianças, dando ênfase à teoria da gratificação, à função

executiva e ao temperamento. Na função executiva destacou a cognição e no temperamento destacou as respostas emocionais e comportamentais. No entanto, verificou uma sobreposição entre ambos, visto que algumas crianças exibem respostas emocionais em conjunto com estratégias cognitivas. Crianças mais reativas apresentam respostas mais emocionais e impulsivas, mostrando mais dificuldade em focar a atenção, podendo significar problemas da mesma natureza mais tarde. Maioritariamente, as crianças são mais impulsivas que os adultos, estes últimos, quando se comportam de forma responsável, gentil ou saudável fazem-no com foco nas consequências (Hanna & Todorov, 2002).

Em geral, indivíduos com características como vivacidade, resistência, maior sensibilidade sensorial e baixo nível de reatividade emocional são mais eficientes em situações que exigem autocontrolo (Nęcka et al., 2019). Nessas situações, normalmente, dão prioridade a respostas pensadas em vez de respostas impulsivas (Gagne, 2017). O autocontrolo está associado a benefícios para o indivíduo e para pessoas associadas a ele, dado que permite um bom ajuste psicológico, melhores relações interpessoais, relativa ausência de perigo e capacidade de assumir responsabilidade pelos seus erros. Um bom nível de autocontrolo diminui as intenções malévolas e/ou violentas, e agressões a outros ou a si mesmo, conseqüentemente, com menor nível de autocontrolo há exibição de comportamentos disfuncionais e impulsivos, tornando-o um preditor consistente de comportamentos desviantes (Tangney et al., 2004; Vazsonyi et al., 2017). No entanto, alguns autores defendem que o excesso de autocontrolo também não se mostra saudável, fazendo com que os indivíduos não consigam controlar nem direcionar a sua capacidade de autocontrolo, podendo contribuir para patologias como obsessão e compulsão (Tangney et al., 2004). Posto isto, relativamente ao tema da violência no namoro, o baixo autocontrolo torna-se um fator de risco da perpretação dos comportamentos (Baker et al., 2016).

Autoestima

O conceito de autoestima é a atitude negativa ou positiva em relação ao *self*, não estável, que depende do somatório das experiências passadas e atuais, integrando as atitudes, crenças e valores do indivíduo (Pinquart & Gerke, 2019). A autoestima não é estável, uma vez que depende do conhecimento, da compreensão de fenómenos e das experiências prazerosas ou desagradáveis (Schultheisz & Aprile, 2013). Os estilos parentais têm influência na autoestima, independentemente da idade do indivíduo. Efeito esse que depende da perceção que o indivíduo tem dos pais, que está diretamente dependente da hierarquia da sua cultura, sendo que quando se percebe um estilo mais autoritário ou negligente há uma potencialidade de autoestima mais baixa, porque terá mais dificuldade em acreditar no seu potencial e sentir-se seguro em qualquer atividade (Pinquart & Gerke, 2019).

Inserida na violência no namoro, a autoestima pode ser um dos fatores de legitimação e banalização da violência, tornando-se um preditor da mesma. Quando a vítima tem autoestima baixa apresenta maior dependência emocional, conseqüentemente, normaliza comportamentos violentos e tem maior probabilidade de desculpabilizar o agressor. Por outro lado, alguns estudos defendem que um nível mais elevado de autoestima pode revelar-se um preditor de comportamento agressivo. Quando está presente em níveis elevados, a autoestima, pode fazer o indivíduo sentir-se superior e egoísta, acabando por não pensar no parceiro, perpetuando comportamentos violentos na relação de namoro (Paiva et al., 2017).

Existe uma ligação entre a autoestima e o autocontrolo, sendo que, indivíduos com bom nível de autocontrolo são capazes de manter uma visão favorável de si em diversas circunstâncias ao longo do tempo, permitindo a estabilidade da autoestima, sendo esta vista como uma medida de ajuste (Tangney et al., 2004).

Depressão

A depressão é uma perturbação caracterizada por sintomas como perda de interesse ou prazer em realizar uma atividade que outrora era considerada prazerosa, alterações no apetite, humor deprimido diariamente, tristeza, insónia ou hipersónia quase todos os dias, fadiga, desesperança, sentimentos de culpa e inutilidade e pensamentos de suicídio (APA, 2013). Inserida no fenómeno da violência no namoro é, maioritariamente, associada e estudada como uma consequência para a vítima após a exposição à violência (Elisio et al., 2018). No entanto, a depressão pode estar associada ao agressor, um indivíduo agressivo com sintomatologia depressiva pode compensar o seu receio de afastamento ou perda de controlo sobre o parceiro manipulando a vítima, reportando práticas de mais comportamentos de violência no namoro (Howard et al., 2008; Maiuro et al., 1988). A depressão no agressor pode, ainda, advir da sua perceção de resposta desajustada ao relacionamento conflituoso (Johnson et al., 2014).

Ansiedade

A ansiedade pode ser patológica ou vantajosa. Em níveis normais permite a adaptação do organismo a situações que lhe são perigosas, ora, quando esses níveis são ultrapassados leva à falência da capacidade adaptativa, desencadeando sintomas como inquietação; fadiga; dificuldade de concentração; irritabilidade; tensão muscular, tamborilar dos dedos dos pés ou das mãos e perturbação no sono. Quando exposto a uma situação stressante, a resposta do indivíduo depende da importância e frequência do evento e da sua capacidade de interpretar, avaliar e enfrentar essa situação (APA, 2013). Tal como a depressão, quando inserida no tema da violência no namoro, a ansiedade, é bastante associada a uma consequência para a vítima (Elisio et al., 2018). Contudo, agressores também podem

sofrer de ansiedade nos momentos da agressão, uma vez que, como estes indivíduos possuem baixos níveis de tolerância à frustração, quando expostos a desejos insatisfeitos, ao conflito conjugal ou a impotência de não controlar o parceiro, demonstram ansiedade podendo responder ao conflito com uma conduta inadequada como violência (Nardi & Benetti, 2012; Padovani & Williams, 2011).

Atendendo ao exposto na literatura, este estudo propõe como objetivo geral aumentar o foco no fenómeno da violência no namoro, compreendendo-o no contexto de estudantes universitárias, dando ênfase ao sexo feminino como agressor, avaliando a relação entre o autocontrolo e o ajustamento no surgimento dos comportamentos abusivos. A proposta deste objetivo pretende aprofundar o conhecimento desta temática, através do estudo de algumas lacunas de investigação, possibilitando o foco na mulher como agressora e estudando variáveis mais frequentemente associadas às vítimas, como a depressão, a autoestima e a ansiedade do ponto de vista da agressora. Assim sendo, esta investigação apresenta os seguintes objetivos específicos e as subsequentes hipóteses:

Objetivo 1: Analisar o tipo de violência mais praticado pelas estudantes universitárias. Colocando-se a hipótese, H1: O tipo de violência mais frequentemente praticado é a violência emocional/verbal.

Objetivo 2: Comparar entre a prática de comportamentos abusivos e o nível de autocontrolo. Colocando-se a hipótese, H2: Indivíduos com nível mais baixo de autocontrolo praticam mais comportamentos abusivos.

Objetivo 3: Comparar entre a prática de comportamentos abusivos e o nível de autoestima. Colocando-se a hipótese, H3: Indivíduos com níveis mais altos de autoestima praticam mais comportamentos abusivos.

Objetivo 4: Comparar entre a prática de comportamentos abusivos e a sintomatologia de ansiedade e depressão. Colocando-se a hipótese, H4: Indivíduos que praticam mais comportamentos abusivos apresentam sintomatologia de ansiedade e depressão.

Método

Participantes

O presente estudo tem uma amostra constituída por 140 participantes do sexo feminino, provenientes da Universidade do Minho, com uma idade média de 20.91 anos ($DP = 2.31$, amplitude 18-28 anos). Da amostra total, 126 (90%) das participantes são de nacionalidade portuguesa; 27 (19.3%) são de cursos da Escola de Engenharia; 46 (32.9%) estão a frequentar o primeiro ano do seu curso; 90 (64.3%) encontram-se numa relação amorosa; 125 (89.3%) têm orientação sexual heterossexual e 72 (51.4%) são do nível socioeconómico médio (ver Tabela 1).

Tabela 1

Características sociodemográficas das participantes

	Total	
	n	%
Total n = 140		
Nacionalidade		
Portuguesa	126	90
Brasileira	6	4.3
Timorense	8	5.7
Escola		
Escola de Arquitetura	3	2.1
Escola de Ciências	20	14.3
Escola de Direito	21	15
Escola de Economia e	23	16.4
Gestão		
Escola de Engenharia	27	19.3
Escola de Medicina	9	6.4
Escola de Psicologia	20	14.3
Escola Superior de	1	.7
Enfermagem		
Instituto de Ciências Sociais	10	7.1
Instituto de Educação	2	1.4
Instituto de Letras e	4	2.9
Ciências Humanas		
Ano de Curso		
1º ano	46	32.9
2º ano	31	22.1
3º ano	15	10.7
4º ano	19	13.6
5º ano	27	19.3
1º ano de Doutoramento	1	.7
2º ano de Doutoramento	1	.7
Encontra-se numa relação?		
Numa relação amorosa	90	64.3
Solteiro	50	35.7
Orientação Sexual		
Bissexual	12	8.6
Heterossexual	125	89.3
Pansexual	3	2.1
Nível Socioeconómico		
Baixo	36	25.7
Médio	72	51.4
Alto	32	22.9

Instrumentos

Questionário sociodemográfico

O questionário sociodemográfico visou recolher informações sociodemográficas do participante, como sexo, idade, nacionalidade, curso e ano que frequenta, orientação sexual e estado civil, assim como a profissão e escolaridade dos pais que, quando combinadas, permitem estabelecer o nível socioeconómico de cada participante (entre nível socioeconómico baixo, médio ou alto) segundo o sistema de classificação definido por Simões (1994).

Não obstante a estas questões, também foram colocadas perguntas sobre os hábitos de consumo dos participantes, como o consumo de bebidas alcoólicas e o consumo de substâncias como haxixe, ecstasy ou heroína. Assim como foram colocadas questões relacionadas com a prática de crimes contra a lei, como não pagar o bilhete de autocarro/comboio ou roubar casas/lojas.

Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (CADRI; Wolfe et al., 2001; validado para a população portuguesa por Saavedra et al., 2008).

O CADRI é um instrumento de autorrelato destinado a jovens com idade igual ou superior a 14 anos, que estejam ou já tenham estado numa relação de namoro. O instrumento é composto por 70 itens, que avaliam a utilização de estratégias de resolução de conflito abusivas ou não abusivas no contexto de relação de namoro. Numa primeira dimensão, de 35 itens, são avaliadas as estratégias do participante (com itens como “Eu toquei-o (a) sexualmente contra a vontade dele (a)”) e, numa segunda dimensão de 35 itens, são avaliadas as estratégias do parceiro (com itens como “Ele (a) tocou-me sexualmente contra a minha vontade”), surgindo duas subescalas, a subescala referente aos comportamentos abusivos perpetrados no geral e uma subescala de vitimação no geral. O instrumento apresenta 5 dimensões: comportamento ameaçador (com itens como “Eu destruí ou ameacei destruir alguma coisa de que ele(a) gostava”), abuso físico (com itens como “Eu atirei-lhe alguma coisa”), abuso sexual (com itens como “Eu ameacei-o(a), para tentar ter relações sexuais com ele(a)”), abuso relacional (com itens como “Eu tentei pôr os amigos dele(a) contra ele(a)”) e abuso emocional/verbal (com itens como “Eu fiz alguma coisa para lhe provocar ciúmes.”). Os itens são respondidos através de uma escala do tipo Likert de quatro opções de resposta, sendo cotados de 0 a 3 (Nunca = 0; Raramente = 1; Às Vezes = 2 e Frequentemente = 3). O valor de cada fator, estratégias de resolução de conflitos positivas e estratégias de resolução de conflitos abusivas, é obtido através da soma dos seus itens, mostrando a maior ou menor frequência de utilização das estratégias (Saavedra, 2010). Na presente investigação, o instrumento apresentou um alfa de Cronbach total de .93, na dimensão comportamento ameaçador verificou-se um alfa de .85, na dimensão abuso relacional um alfa de .68, na dimensão abuso físico um alfa de .88, na dimensão abuso sexual um alfa de .71 e, na dimensão abuso emocional/verbal um alfa de .92.

Weinberger Adjustment Inventory – Short-Form (WAI-SF; Weinberger & Schwartz, 1990; validado para a população portuguesa por Pechorro et al., *in press*).

O WAI-SF é projetado para medir o ajustamento e o seu funcionamento a longo prazo. Este instrumento é constituído por 37 itens, com três escalas principais: Mal-estar (constituída por 12 itens), Coibição (constituída por 12 itens) e Defensividade (constituída por 11 itens), e por uma escala de validade (composta por 2 itens, como “Estou a responder a estas questões de forma verdadeira”). Cada uma das escalas principais apresenta subescalas, no caso da escala Mal-estar, apresenta como subescalas: Ansiedade (com itens como “Ultimamente tenho-me sentido mais nervoso ou preocupado do que devia”); Depressão (com itens como “Sinto-me sozinho”); Baixa Autoestima (com itens como “Não gosto muito de mim próprio”) e Baixo Bem-Estar (que apresenta itens como “Sinto-me muito feliz”). Por sua vez, a escala Coibição apresenta como subescalas: Supressão da Agressão (com itens como “Se alguém me tentar magoar de certeza que me vou tentar vingar”); Controlo de Impulsos (com itens como “Faço as coisas sem pensar bem antes”); Consideração pelos Outros (com itens como “Costumo pensar nos sentimentos das outras pessoas antes de fazer coisas que lhes poderão desagradar”) e Responsabilidade (que apresenta itens como “Faço batota quando me parece que ninguém vai descobrir”). Por último, a escala Defensividade apresenta como subescala: Defensividade Repressiva (que apresenta itens como “Por vezes finjo que sei mais sobre algumas coisas do que na realidade sei”). Os itens são respondidos através de uma escala do tipo Likert de cinco opções de resposta, sendo cotados de 1 a 5 (Falso = 1; Em parte Falso = 2; Nem Falso nem Verdadeiro = 3; Em parte Verdadeiro = 4 e Verdadeiro = 5), havendo itens com pontuação invertida, cotados de 5 a 1 (Falso = 5; Em parte Falso = 4; Nem Falso nem Verdadeiro = 3; Em parte Verdadeiro = 2 e Verdadeiro = 1). Posteriormente, as pontuações dos itens são somadas para produzir pontuações das subescalas, que por sua vez são somadas para produzir pontuações da escala. Na presente investigação, o instrumento apresentou um alfa Cronbach total de .76, a escala Mal-estar obteve um alfa de .90, a escala Coibição um alfa de .74 e a escala Defensividade um alfa de .81.

Escala de Baixo Autocontrolo (Grasmick et al., 1993; validada para a população portuguesa por Pechorro & DeLisi et al., *in press*).

A Escala de Baixo Autocontrolo foi realizada para medir o autocontrolo de acordo com a conceitualização de Gottfredson e Hirschi (1990). O instrumento é constituído por 23 itens com seis facetas: Impulsividade (com itens como “Não dedico muito tempo ou esforço a preparar o futuro”); Tarefas Simples (com itens como “Quando as coisas se complicam, costumo desistir ou ir-me embora”); Busca de risco (com itens como “Às vezes dá-me gozo fazer coisas que me podem vir a dar problemas”);

Atividades físicas (com itens como “Se tiver escolha prefiro fazer atividades físicas do que atividades mentais”); Auto centração (com itens como “Não tenho grande simpatia pelas outras pessoas quando elas têm problemas”) e Temperamento (“Perco a calma muito rapidamente”). Os itens são respondidos através de uma escala do tipo Likert de quatro opções de resposta, sendo cotados de 1 a 4 (Discordo Totalmente = 1; Discordo = 2; Concordo = 3 e Concordo Totalmente = 4), obtendo-se as pontuações com a soma dos mesmos, sendo que pontuações mais altas indicam baixo autocontrolo. Na presente investigação, este instrumento apresentou um alfa de Cronbach total de .82.

Procedimento de recolha de dados

Primeiramente, foram enviados pedidos de autorização de utilização dos instrumentos aos autores que realizaram a sua validação para a população portuguesa. Seguidamente, a presente investigação foi submetida à Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) da Universidade do Minho (Processo 007/2021). Após a obtenção do parecer positivo, foram selecionados alguns estudantes com os quais foi realizado um estudo piloto de pré-teste com o intuito de averiguar se a linguagem e o conteúdo estavam claros e inteligíveis para os participantes, recebendo sugestões de alterações e realizando as mesmas. Após obter a versão final do protocolo de investigação iniciou-se a recolha, que devido às contingências impostas pela pandemia Covid-19, se efetuou em formato *online*, através de um formulário do *Google Forms*, divulgado com recurso ao *e-mail* institucional da Universidade do Minho, sendo apenas aceite uma resposta por indivíduo. Apesar de a recolha ter seguido o método *online*, estudos indicam que não existem diferenças significativas nas respostas nem nas propriedades psicométricas dos instrumentos (Huang, 2006). O formulário divulgado incluía uma explicação do estudo, o consentimento informado não assinado e os instrumentos constituintes do protocolo de investigação. O consentimento informado garantiu o carácter totalmente voluntário da participação na investigação, a possibilidade de desistir do seu preenchimento a qualquer momento, sem qualquer custo, assim como a garantia da total confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Devido à sensibilidade do tema, o consentimento continha, ainda, a garantia de que se o participante sentisse desconforto poderia contactar a investigadora principal (podendo ser anonimamente) para que lhe fossem dadas mais informações sobre o tema e sugeridos serviços de apoio, se assim fosse necessário.

Após a recolha de dados foram aplicados os critérios de inclusão e exclusão definidos para o questionário, eliminando os participantes que não correspondiam aos mesmos e os participantes que responderam de forma visivelmente aleatória. Os critérios de inclusão aplicados foram: os participantes terem uma idade compreendida entre os 18 e os 30 anos; serem estudantes universitários; encontrarem-se atualmente, ou já se terem encontrado numa relação de namoro e o seu estado civil ser solteiro. Por

consequência, os critérios de exclusão aplicados foram: os participantes estarem fora dos limites de idade; nunca terem estado numa relação de namoro ou apresentarem, atualmente, outro estado civil que não solteiro, estes critérios foram aplicados de modo a garantir que as respostas dos participantes eram referentes a relações de namoro e não referentes a outro tipo de relação, que implicaria a possibilidade de existência de uma violência que não fosse no namoro. Inicialmente, a presente investigação propunha-se a recolher uma amostra mista de estudantes universitários, no entanto, quando iniciado o tratamento estatístico verificou-se que o número de participantes do sexo masculino não era significativo para ser utilizado e comparado com o número de participantes do sexo feminino, pelo que foram excluídos todos os participantes do sexo masculino da amostra.

Procedimento de tratamento de dados

Após a obtenção da amostra final, esta foi transferida para o *software IBM SPSS statistic* versão 27 (IBM SPSS, 2020), onde se realizou a análise estatística. Principiou-se a investigação com a análise estatística descritiva dos dados, de modo a descrever-se a amostra do estudo. Posteriormente, para se obter a pontuação por escala e por dimensão de todos os instrumentos foram somados os seus itens correspondentes, obtendo-se assim as pontuações totais. De seguida foi calculada a mediana de pontuações dos participantes, para que fosse possível a definição de um ponto de corte que definiria as pontuações mais elevadas e as menos elevadas de cada instrumento. Por exemplo, para a variável autocontrolo, segundo o instrumento Escala de Baixo Autocontrolo, a mediana das pontuações obtidas pelos participantes foi de 43 pontos, posto isto, indivíduos com pontuações inferiores a esse valor foram codificados com valor 0, correspondendo a um nível de alto autocontrolo e indivíduos com pontuações superiores a 43 pontos foram codificados com valor 1, correspondendo a um nível de baixo autocontrolo. Após a codificação de todos os valores, os dados foram analisados, de modo a dar resposta aos objetivos específicos e consequentes hipóteses. No que diz respeito ao estudo das hipóteses foi utilizada a análise de variância (Anova) (Field, 2013), com o intuito de se verificar a existência, ou não, de diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. No que concerne à fiabilidade dos instrumentos, foi realizada a análise de consistência interna das escalas, obtendo-se o alfa de Cronbach de cada instrumento e das suas respetivas dimensões.

Resultados

Após a realização das análises de dados, os seus resultados foram transpostos para as tabelas seguintes para que conclusões pudessem ser retiradas.

A Tabela 2 é referente às descritivas dos tipos de violência praticados pelas participantes da amostra, possível através das comparações de médias, que visaram analisar qual o tipo mais praticado.

Através da observação da Tabela 2, é possível concluir-se que o tipo de violência mais praticado pelas estudantes universitárias da amostra foi o tipo violência emocional/verbal ($M = 5.34$, $DP = 4.51$). Ainda por observação da Tabela 2, foi possível concluir-se que o tipo de violência menos praticada pelas participantes foi o abuso relacional ($M = .06$, $DP = .34$).

Tabela 2

Descritivas do tipo de violência mais praticado pelas participantes

	<i>Média</i>	<i>Desvio Padrão</i>
Comportamento Ameaçador	.25	.91
Abuso Relacional	.06	.34
Abuso Físico	.22	.90
Abuso Sexual	.09	.35
Abuso Emocional/Verbal	5.34	4.51

A Tabela 3 diz respeito à comparação entre o nível de autocontrolo e os comportamentos abusivos, possível através de uma Anova, por forma a verificar se há diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. Os grupos nível alto e nível baixo de autocontrolo foram obtidos através do cálculo da mediana das pontuações. Perante a Tabela 3 pode observar-se que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as médias dos comportamentos abusivos praticados pelas participantes da amostra, entre baixo autocontrolo e alto autocontrolo.

Tabela 3

Comparação de grupos de nível de autocontrolo relativamente a comportamentos abusivos

	Comportamentos abusivos		<i>F, p</i>
	<i>Média</i>	<i>Desvio Padrão</i>	
Alto autocontrolo	4.29	3.64	9.90 , .002
Baixo autocontrolo	7.32	6.92	

Nota. F = Anova statistic; p = p-value

A Tabela 4 é relativa à comparação de grupos de prática de mais ou menos comportamentos abusivos relativamente à baixa autoestima, através da execução de uma Anova, por forma a verificar se há diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. Grupos definidos através do cálculo da mediana das pontuações. Como pode ser verificado na Tabela 4, há diferenças estatisticamente significativas entre as médias de mais e menos comportamentos abusivos e baixa autoestima.

Tabela 4

Comparação de grupos de prática de comportamentos abusivos relativamente a baixa autoestima

	Baixa autoestima		<i>F, p</i>
	<i>Média</i>	<i>Desvio Padrão</i>	
Menos comportamentos abusivos	6.49	3.45	15.31 , <.001
Mais comportamentos abusivos	8.79	3.50	

Nota. F = Anova statistic; p = p-value

Por sua vez, a Tabela 5 é referente à comparação entre a variável ansiedade e a prática de mais ou menos comportamentos abusivos, através de uma Anova, de modo a averiguar a presença de diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. Grupos obtidos através do cálculo da mediana das pontuações. Observando a Tabela 5, constata-se que há diferenças estatisticamente significativas entre a prática de mais ou menos comportamentos abusivos e ansiedade.

Tabela 5

Comparação de grupos de prática de comportamentos abusivos relativamente a ansiedade

	Ansiedade		<i>F, p</i>
	<i>Média</i>	<i>Desvio Padrão</i>	
Menos comportamentos abusivos	11.26	2.33	19.12 , <.001
Mais comportamentos abusivos	12.83	1.90	

Nota. F = Anova statistic; p = p-value

Por último, a Tabela 6 é relativa à comparação entre a variável depressão e a prática de mais ou menos comportamentos abusivos, através de uma Anova, de modo a averiguar a presença de diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. Grupos obtidos através do cálculo da mediana das pontuações. Por observação da Tabela seguinte é possível aferir-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre a prática de mais ou menos comportamentos abusivos e depressão.

Tabela 6

Comparação de grupos de prática de comportamentos abusivos relativamente a depressão

	Depressão		<i>F, p</i>
	<i>Média</i>	<i>Desvio Padrão</i>	
Menos comportamentos abusivos	7.19	3.50	15.52 , <.001
Mais comportamentos abusivos	9.47	3.36	

Nota. F = Anova statistic; p = p-value

Discussão

O objetivo principal desta investigação era compreender, no contexto de estudantes universitárias, o fenómeno da violência no namoro, avaliando a relação entre o autocontrolo e o ajustamento no surgimento de comportamentos violentos. Para o efeito, foram criados quatro objetivos específicos e suas consequentes hipóteses, sendo, objetivo 1: analisar o tipo de violência mais praticado pelas estudantes universitárias, colocando-se a hipótese, H1: O tipo de violência mais frequentemente praticado é a violência emocional/verbal; objetivo 2: Comparar entre a prática de comportamentos abusivos e o nível de autocontrolo, colocando-se a hipótese, H2: Indivíduos com nível mais baixo de autocontrolo praticam mais comportamentos abusivos; objetivo 3: Comparar entre a prática de comportamentos abusivos e o nível de autoestima, colocando-se a hipótese, H3: Indivíduos com níveis mais altos de autoestima praticam mais comportamentos abusivos; objetivo 4: Comparar entre a prática de comportamentos abusivos e a sintomatologia de ansiedade e depressão, colocando-se a hipótese, H4: Indivíduos que praticam mais comportamentos abusivos apresentam sintomatologia de ansiedade e depressão.

No que concerne à hipótese 1 (O tipo de violência mais frequentemente praticado é a violência emocional/verbal), concluiu-se que a violência emocional/verbal, foi o tipo de violência mais praticado nesta amostra, uma vez que apresenta uma média muito superior em comparação aos restantes tipos de violência. Este resultado corrobora com o estipulado na literatura por diversos estudos como os de Beserra et. al (2016) e de Silva (2017). Uma das razões que pode justificar este elevado valor de frequência da violência emocional/verbal em detrimento das restantes, é o facto de ser caracterizada por comportamentos como chantagem, ameaças e insultos, que podem ser atos assumidos como naturais sendo de preocupação, ciúme ou amor, acabando por ser banalizados pelo agressor e ignorados pela vítima, não havendo a consciencialização que são atos violentos (Beserra et. al, 2016; de Queiroz & Cunha, 2018).

Relativamente à hipótese 2 (Indivíduos com nível mais baixo de autocontrolo praticam mais comportamentos abusivos), concluiu-se que indivíduos com nível mais baixo de autocontrolo praticaram mais comportamentos abusivos, uma vez que foram obtidas diferenças estatisticamente significativas entre as médias dos comportamentos abusivos entre nível baixo autocontrolo e nível alto autocontrolo, sendo a média mais elevada a de nível baixo e a média mais baixa referente ao nível alto. Esta conclusão vai de encontro a estudos como o de Baker et al. (2016), que defende que um nível baixo de autocontrolo é um fator de risco para a execução de comportamentos violentos em relação de namoro. Tal resultado já era esperado segundo a literatura, uma vez que um nível mais baixo de autocontrolo está associado a uma exibição de comportamentos impulsivos e disfuncionais, considerados desviantes nomeadamente comportamentos de violência no namoro (Tangney et al., 2004; Vazsonyi et al., 2017).

Na hipótese 3 (Indivíduos com níveis mais altos de autoestima praticam mais comportamentos abusivos), verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre as médias de mais ou menos comportamentos abusivos e baixa autoestima, sendo a média mais elevada a de mais comportamentos abusivos e a mais baixa a de menos comportamentos abusivos. Posto isto, não se verifica o estipulado por estudos como o de Paiva et al. (2017), em que níveis mais elevados de autoestima podem despoletar comportamentos agressivos porque o indivíduo se sente superior, não considerando o parceiro. Este estudo encontrou resultados de que indivíduos com nível mais baixo de autoestima praticaram mais comportamentos abusivos. Tais resultados podem ter surgido pela amostra ser constituída apenas por mulheres, visto que, geralmente, estas apresentam níveis mais baixos da variável autoestima por serem mais exigentes com a sua imagem corporal (Santos et al., 2019). Pela inconsistência dos resultados, este tópico carece de mais investigação.

No que diz respeito à hipótese 4: Indivíduos que praticam mais comportamentos abusivos apresentam sintomatologia de ansiedade e depressão, concluiu-se que isto se verificou, através da comparação de médias, entre a prática de mais e menos comportamentos abusivos com as variáveis ansiedade e depressão. Relativamente à variável ansiedade, a média mais elevada corresponde à prática de mais comportamentos abusivos e a média mais baixa é relativa a menos comportamentos abusivos. Quanto à variável depressão, a média mais elevada é a prática de mais comportamentos abusivos e a mais baixa é a prática de menos comportamentos abusivos. Na variável ansiedade, este resultado vai de encontro a estudos como os de Padovani e Williams (2011) e de Nardi e Benetti (2012), que colocam a ansiedade como um preditor de violência no namoro, uma vez que, indivíduos com esta sintomatologia, apresentam baixos níveis de tolerância à frustração podendo exibir respostas inadequadas ao conflito com o parceiro, como comportamentos violentos. Quanto à variável depressão, as conclusões obtidas vão de encontro a estudos como o de Howard et. al (2008) e o de Johnson et al. (2014), que defendem que os comportamentos abusivos podem advir de indivíduos com esta sintomatologia pela compensação do seu receio de afastamento e/ou perda de controlo sobre o parceiro e pela sua perceção de resposta desajustada ao relacionamento conflituoso.

O estudo apresentado teve um conjunto de limitações ao longo da sua produção, sendo a principal a necessidade de alterar o objetivo inicial da investigação e a sua população alvo (que seria uma amostra mista de estudantes universitários), devido ao desfasamento de participantes entre ambos os sexos, forçando a que todos os participantes do sexo masculino fossem eliminados. Outras limitações podem ter influenciado os resultados obtidos e devem ser tidas em consideração na sua interpretação, tais como, a amostra utilizada ser uma amostra de conveniência, podendo significar que os resultados não

são passíveis de serem generalizados para a população universitária portuguesa. Os instrumentos utilizados no protocolo de investigação são de autorrelato, fazendo com que possa estar associado um viés às respostas das participantes, tendo influência na informação recolhida e consequentes resultados e conclusões. A recolha da amostra foi efetuada em regime *online*, e apesar de alguns estudos (eg. Huang, 2006) defenderem que não existem diferenças significativas nas respostas nem nas propriedades psicométricas dos instrumentos, o facto da pandemia exigir que a maioria das recolhas dos estudos realizados ao longo deste ano fossem nesse regime, passando por uma divulgação através dos mesmos meios (como o *e-mail* institucional), pode ter diminuído a taxa de resposta dos estudantes por serem muitos pedidos de adesão para diferentes investigações ou levá-los a responder de forma mais aleatória de modo a responderem a mais estudos mais rapidamente

Apesar das limitações, as conclusões retiradas no presente estudo, demonstram-se bastante relevantes para o aumento do conhecimento sobre este tipo de violência, nomeadamente no contexto de estudantes universitárias tendo em consideração o ajustamento e o autocontrolo. A contribuição mais importante desta dissertação foi o aumento da literatura sobre a violência no namoro, focando em áreas que apresentam lacunas, como é o caso das mulheres como agressoras em relações de namoro e as variáveis autoestima, depressão e ansiedade investigadas no ponto de vista do agressor. O facto de todo o estudo ser focalizado na mulher como agressora, contrariamente à vasta literatura que a coloca como vítima, permite configurar-lhe o peso dos seus atos e a não banalização dos mesmos. Permitiu também o aumento do conhecimento sobre as características que podem estar na origem dos seus comportamentos violentos contra os/as parceiros/as, estudando variáveis como a autoestima, a depressão e a ansiedade como características que podem despoletar o início dos comportamentos agressivos em vez de serem estudadas como consequência para as vitimas. Com o estudo de hipóteses foi possível concluir-se que, o tipo de violência no namoro mais frequentemente praticado foi a violência emocional/verbal; que indivíduos que praticam comportamentos abusivos apresentam níveis mais baixos de autocontrolo; que indivíduos que praticam mais comportamentos abusivos apresentam sintomatologia de ansiedade e depressão e verificou-se que indivíduos que praticam comportamento abusivos apresentam uma autoestima mais baixa. Todas estas conclusões devem ser tidas em consideração quando se aborda o tema da violência no namoro do ponto de vista do sexo feminino como agressor, considerando-se as características analisadas. Uma vez que para intervir deve ter-se o máximo de conhecimento possível sobre o fenómeno, é importante utilizar estas conclusões e juntá-las a informações já adquiridas de modo a planear intervenções, ou contextos como ações de formação, que tenham como objetivo travar a violência no namoro e mentalizar a população que a agressão não parte

apenas do sexo masculino e que as mulheres também devem ser punidas pelas agressões que praticam e não banalizadas. Se possível as intervenções deveriam ocorrer o mais precocemente possível, de modo a evitar episódios de violência no namoro. Caso não seja possível, seria fulcral estas serem planeadas para auxiliar na adoção de estratégias de coping mais adaptativas, seja para os agressores, seja para as vítimas.

Em estudos futuros seria interessante aplicar o protocolo de investigação noutras universidades e numa amostra que não fosse de conveniência e, se possível, fosse mista de modo a entender se os resultados obtidos vão de encontro ao resto da população ou se apenas os obtemos nesta amostra feminina da Universidade do Minho. Outro estudo interessante seria analisar em que contexto ocorreram os comportamentos abusivos, quais as justificações que tanto as vítimas como os agressores apresentam para o ocorrido e quais as principais consequências, para ambos, e o que advém desse acontecimento, permitindo também entender se a violência seria unilateral, mútua ou como forma de retaliação. Também seria interessante utilizar um instrumento para avaliar as crenças sobre a violência no namoro porque muitos casais estão nesse contexto e normalizam ou atenuam a gravidade dos comportamentos abusivos por não terem noção da seriedade. Ainda neste sentido, seria curioso questionar o participante se considera que já sofreu ou praticou violência no namoro e comparar a resposta com os resultados do instrumento de modo a entender a percepção do participante deste fenómeno. De modo a ajudar no combate desta violência seria interessante um estudo de carácter mais qualitativo que incluísse um *focus group* onde os participantes partilhassem as suas experiências, defendessem as suas opiniões e entendessem as consequências destes comportamentos e como estes podem estar camuflados ou romantizados no amor, de modo a consciencializarem-se permitindo-lhes estar mais alertas e evitar sofrer ou perpetrar comportamentos abusivos nas suas relações de namoro.

As conclusões da presente dissertação demonstram o seu carácter inovador e a sua importância neste tema, devendo ser refletidas contribuindo para uma travagem célere deste fenómeno que tão más consequências pode assumir para os envolvidos.

Referências

- Alfredsson, H., Ask, K., & Borgstede, C. V. (2016). Beliefs about intimate partner violence: A survey of the Swedish general public. *Scandinavian Journal of Psychology*, 57, 57-64. <https://doi.org/10.1111/sjop.12254>
- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed.). <https://doi.org/10.1176/appi.books.9780890425596>
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2011). *Manual de Procedimentos*. Lisboa: APAV. https://www.apav.pt/intranet16/images/manuais/manuais_intranet/MANUAL_PROCEDIMENTOS_22_07_2013.pdf
- Baker, E. A., Klipfel, K. M., & van Dulmen, M. H. (2016). Self-control and emotional and verbal aggression in dating relationships: a dyadic understanding. *Journal of Interpersonal Violence*, 33(22), 3551-3571. <http://doi.org/10.1177/0886260516636067>
- Barroso, R., Ribeiro, M., Ramião, E., & Figueiredo, P. (2020). Dating violence perpetration by male and female adolescents. *Adolescent Dating Violence: Outcomes, Challenges and Digital Tools*, 35-48. https://www.researchgate.net/publication/344413976_DATING_VIOLENCE_PERPETRATION_BY_MALE_AND_FEMALE_ADOLESCENTS
- Beserra, M. A., Leitão, M. N. D. C., Fabião, J. A. D. S. A., Dixe, M. D. A. C. R., Veríssimo, C. M. F., & Ferriani, M. D. G. C. (2016). Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. *Escola Anna Nery*, 20(1), 183-191. <http://dx.doi.org/10.5935/1414-8145.20160024>
- Caridade, S., & Machado, C. (2008). Violência sexual no namoro: relevância da prevenção. *Psicologia*, 22(1), 77-104. <http://hdl.handle.net/10284/8028>
- Caridade, A., & Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de intimidade: uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia*, 27(1), 91-113. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v27i1.244>
- Carvalho, J., & Nobre, P. J. (2016). Psychosexual characteristics of women reporting sexual aggression against men. *Journal of Interpersonal Violence*, 31(15), 2539-2555. <https://doi.org/10.1177/0886260515579504>
- Celis, A., & Rojas, J. (2015). Violencia en el noviazgo desde la perspectiva de varones adolescentes. *Informes psicológicos*, 15(1), 83-104. <http://dx.doi.org/10.18566/infpsicv15n1a05>
- Chester, D. S., & DeWall, C. N. (2018). The roots of intimate partner violence. *Current opinion in psychology*, 19, 55-59. <http://dx.doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.04.009>
- Courtain, A., & Glowacz, F. (2018). Exploration of Dating Violence and Related Attitudes Among Adolescents and Emerging Adults. *Journal of Interpersonal Violence*. <http://doi:10.1177/0886260518770185>
- Dahlberg, L. L., & Krug, E. G. (2006). Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11, 1163-1178. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232006000500007>
- de Ataíde, M. A. (2015). Namoro: uma relação de afetos ou de violência entre jovens casais?. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, 12(1), 248-270. <http://dx.doi.org/10.5007/1807-1384.2015v12n1p248>
- de Queiroz, R. A., & Cunha, T. A. R. (2018). A violência psicológica sofrida pelas mulheres: invisibilidade e memória. *Revista Nupem*, 10(20), 86-95. <https://doi.org/10.33871/nupem.v10i20.310>
- Duval, A., Lanning, B. A., & Patterson, M. S. (2020). A systematic review of dating violence risk factors among undergraduate college students. *Trauma, Violence, & Abuse*, 21(3), 567-585. <https://doi.org/10.1177/1524838018782207>
- Elísio, R., Neves, S., & Paulos, R. (2018). A violência no namoro em casais do mesmo sexo: discursos de homens gays. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (117), 47-72. <http://dx.doi.org/10.4000/rccs.8149>
- Field, A. (2013). *Discovering statistics using IBM SPSS statistics* (4th ed.). SAGE Publications Ltd.
- Gagne, J. R. (2017). Self-control in childhood: A synthesis of perspectives and focus on early development. *Child Development Perspectives*, 11, 127-132. <https://doi.org/10.1111/cdep.12223>
- Gama, A., Veríssimo, A., & Tomás, C. (2017). Violência no namoro na Escola Superior de Educação de

- Lisboa. *Ex aequo*, (36), 77-98. <http://dx.doi.org/10.22355/exaequo.2017.36.05>
- Grasmick, H. G., Tittle, C. R., Bursik, R. J., Jr., & Arneklev, B. J. (1993). Testing the core empirical implications of Gottfredson and Hirschi's general theory of crime. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 30(1), 5–29. <https://doi.org/10.1177/0022427893030001002>
- Gómez-Gamero, M. E., Rodríguez-Hernández, J., & Quintanar-Vázquez, A. (2019). La Violencia en el noviazgo, los indicios que no se visibilizan. *DIVULGARE Boletín Científico de la Escuela Superior de Actopan*, 6(12), 32-39. <https://doi.org/10.29057/esa.v6i12.4013>
- Gottfredson, M. R., & Hirschi, T. (1990). *A general theory of crime*. Stanford University Press.
- Guerreiro, A., Teixeira, A., Dias, A., Pontedeira, C., Cordeiro, J., Magalhães., Silva, M., Ribeiro, P., & Mendes, T. (2016). Relatório de Imprensa: dados violência no namoro 2016. Lisboa: UMAR. http://www.umarfeminismos.org/images/stories/noticias/Relatorio_de_Imprensa_Final.pdf
- Hanna, E. S., & Todorov, J. C. (2002). Modelos de autocontrole na análise experimental do comportamento: utilidade e crítica. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 18(3), 337-343. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722002000300014>
- Hayeck, C. M. (2009). Refletindo sobre a violência. *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*, 1(1), 1-8. <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10353>
- Hines, D. A., & Douglas, E. M. (2016). Sexual aggression experiences among male victims of physical partner violence: Prevalence, severity, and health correlates for male victims and their children. *Archives of Sexual Behavior*, 45(5), 1133-1151. <https://doi.org/10.1007/s10508-014-0393-0>
- Howard, D. E., Wang, M. Q., & Yan, F. (2008). Psychosocial factors associated with reports of physical dating violence victimization among US adolescent males. *Adolescence*, 43(171). <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19086663/>
- Huang, H. (2006). Do print and web surveys provide the same results? *Computers in Human Behavior*, 22(3), 334-350. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2004.09.012>
- IBM Corp. Released 2020. IBM SPSS Statistics for Windows, Version 27.0. Armonk, NY: IBM Corp
- Johnson, W. L., Giordano, P. C., Longmore, M. A., & Manning, W. D. (2014). Intimate partner violence and depressive symptoms during adolescence and young adulthood. *Journal of Health and Social Behavior*, 55(1), 39–55. <https://doi.org/10.1177/0022146513520430>
- Lagartixa, I. D. M. (2017). *Atitudes e estereótipos à violência entre parceiros íntimos: comparação entre o homem e a mulher enquanto vítimas e agressores* (Dissertação de mestrado, Universidade de Évora, Portugal). <http://hdl.handle.net/10174/21948>
- Lei nº 19/2013, de 21 de fevereiro da Assembleia da República. Diário da República: nº37/2013, Série I de 2013-02-21. Acedido a 11 de abril de 2020. Disponível em: <https://data.dre.pt/eli/lei/19/2013/02/21/p/dre/pt/html>
- Machado, A., & Matos, M. (2014). Homens vítimas na intimidade: análise metodológica dos estudos de prevalência. *Psicologia e Sociedade*, 26(3), 726-736. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000300021>
- Maiuro, R. D., Cahn, T. S., Vitaliano, P. P., Wagner, B. C., & Zegree, J. B. (1988). Anger, hostility, and depression in domestically violent versus generally assaultive men and nonviolent control subjects. *Journal of consulting and clinical psychology*, 56(1), 17. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.56.1.17>
- Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. J. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8, 55-75. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193818626004>
- Murta, S. G., Moore, R. A., Miranda, A. A. V., Cangussú, E. D. A., Santos, K. B. D., Bezerra, K. L. T., & Veras, L. G. (2016). Efeitos de um programa de prevenção à violência no namoro. *Psico-USF*, 21(2), 381-393. <https://doi.org/10.1590/1413-82712016210214>

- Nardi, S. C. D. S., & Benetti, S. P. D. C. (2012). Violência conjugal: estudo das características das relações objetais em homens agressores. *Boletim de Psicologia*, 62(136), 53-66. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v62n136/v62n136a06.pdf>
- Nečka, E., Korona-Golec, K., Hlawacz, T., Nowak, M., & Gruszka-Gosiewska, A. (2019). The relationship between self-control and temperament: A contribution to self-control definition debate. *Current Issues in Personality Psychology*, 7(1). <https://doi.org/10.5114/cipp.2019.82922>
- Nelas, P. A., Chaves, C., Coutinho, E., Cruz, C., & Amaral, O. (2016). Violência no namoro, adaptabilidade e coesão familiar em estudantes do ensino superior. *Revista INFAD de Psicologia. International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 2(1), 357-364. <http://dx.doi.org/10.17060/ijodaep.2016.n1.v2.234>
- Padovani, R. C., & Williams, L. C. A. (2011). Estilo parental de origem e ansiedade em homens com histórico de agressão à parceira. *Estudos de Psicologia*, 16(3). <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2011000300008>
- Paiva, T. T., Pimentel, C. E., & Moura, G. B. D. (2017). Violência conjugal e suas relações com autoestima, personalidade e satisfação com a vida. *GeraiS: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 10(2), 215-227. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v10n2/07.pdf>
- Pechorro, P., DeLisi, M., et al. (in press). Examination of Grasmick et al.'s Low Self-Control Scale.
- Pechorro, P., DeLisi, M., et al. (in press). Portuguese validation of the Weinberger Adjustment Inventory.
- Pinquart, M., & Gerke, D. C. (2019). Associations of parenting styles with self-esteem in children and adolescents: a meta-analysis. *Journal of Child and Family Studies*, 1-19. <https://doi.org/10.1007/s10826-019-01417-5>
- Randle, A. A., & Graham, C. A. (2011). A review of the evidence on the effects of intimate partner violence on men. *Psychology of men & masculinity*, 12(2), 97-111. <https://doi.org/10.1037/a0021944>
- Saavedra, R. (2010). *Prevenir antes de remediar: Prevenção da violência nos relacionamentos íntimos juvenis* (Dissertação de doutoramento, Universidade do Minho, Portugal). <http://hdl.handle.net/1822/14248>
- Saavedra, R., Machado, C., Martins, C., & Vieira, D. (2008). Inventário de conflitos nas relações de namoro entre adolescentes. In C. Machado, M. M. Gonçalves, L. Almeida, & M. R. Simões (Coords.), *Instrumentos e contextos de avaliação psicológica*, Vol. I. Coimbra: Almedina.
- Santos, A. P. D. S. (2016). *Violência nas relações íntimas juvenis:(des) ajustamento psicossocial e estratégias de coping* (Dissertação de doutoramento, Universidade Fernando Pessoa). <http://hdl.handle.net/10284/5646>
- Santos, V. S., Patto, M. V., Cornélio, M. P. M., Carleto, C. T., & Pedrosa, L. A. K. (2019). Preocupação com a Imagem Corporal e a Autoestima de Universitários do Interior de Minas Gerais. *Revista Brasileira de Educação e Cultura/ RBEC/ ISSN 2237-3098*, (19), 95-105. <file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/448-Texto%20do%20artigo-1852-1-10-20190409.pdf>
- Silva, M. D. C. V. (2017). *Violência no namoro: estudo com adolescentes de uma Escola Secundária de Bragança* (Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal). <http://hdl.handle.net/10198/14680>
- Simões, M. (1994). *Investigação no âmbito da aferição nacional ao Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven*. (Dissertação de Doutoramento não publicada, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra). <http://hdl.handle.net/10316/946>
- Schultheisz, T. S. D. V., & Aprile, M. R. (2013). Autoestima, conceitos correlatos e avaliação. *Revista Equilíbrio Corporal e Saúde*, 5(1). <https://doi.org/10.17921/2176-9524.2013v5n1p%25p>
- Tangney, J.P., Baumeister, R.F., & Boone, A.L. (2004). High Self-Control Predicts Good Adjustment, Less Pathology, Better Grades, and Interpersonal Success. *Journal of Personality*, 72(2) 271-322. <https://doi.org/10.1111/j.0022-3506.2004.00263.x>
- Vazsonyi, A. T., Mikuška, J., & Kelley, E. L. (2017). It's time: A meta-analysis on the self-control-deviance

link. *Journal of Criminal Justice*, 48, 48-63. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2016.10.001>

Weinberger, D. A., & Schwartz, G. E. (1990). Distress and restraint as superordinate dimensions of self-reported adjustment: A typological perspective. *Journal of personality*, 58(2), 381-417. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1990.tb00235.x>

Wolfe, D. A., Scott, K., Reitzel-Jaffe, D., Wekerle, C., Grasley, C., & Straatman, A. L. (2001). Development and validation of the conflict in adolescent dating relationships inventory. *Psychological Assessment*, 13(2), 277-293. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.13.2.277>

Anexo: Parecer da Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humana



Universidade do Minho

Conselho de Ética

Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas

Identificação do documento: CEICSH 007/2021

Relatores: Emanuel Pedro Viana Barbas Albuquerque e Marlene Alexandra Veloso Matos

Título do projeto: *Violência no Namora: Relação com o Autocontrolo e Ajustamento em Estudantes Universitários*

Equipa de Investigação: Catarina Raquel Meireles Pacheco (IR), Mestrado em Psicologia Aplicada, Escola de Psicologia, Universidade do Minho; Professor Doutor Pedro Pechorro (Orientador), Escola de Psicologia, Universidade do Minho; Professor Doutor Rui Abrunhosa (Coorientador), Escola de Psicologia, Universidade do Minho

PARECER

A Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) analisou o processo relativo ao projeto de investigação acima identificado, intitulado *Violência no Namora: Relação com o Autocontrolo e Ajustamento em Estudantes Universitários*.

Os documentos apresentados revelam que o projeto obedece aos requisitos exigidos para as boas práticas na investigação com humanos, em conformidade com as normas nacionais e internacionais que regulam a investigação em Ciências Sociais e Humanas.

Face ao exposto, a Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) nada tem a opor à realização do projeto nos termos apresentados no Formulário de Identificação e Caracterização do Projeto, que se anexa, emitindo o seu parecer favorável, que foi aprovado por unanimidade pelos seus membros.

Braga, 1 de março de 2021.

O Presidente da CEICSH

(Aclio Estanqueiro Rocha)

Anexo Formulário de identificação e caracterização do projeto